



ENCONTRO #09

JOSUÉ E O TEMPO DOS JUÍZES

1. INTRODUÇÃO

O período da História da Salvação, compreendido entre a morte de Moisés e a instituição da monarquia com o rei Saul, é ordinariamente considerado uma fase de transição, na qual o Povo de Israel foi orientado, primeiro por Josué, e, depois, na fase primeira da instalação das tribos, na Palestina, por Juízes.

Depois da morte de Moisés, coube a Josué, o seu segundo-comandante, guiar o Povo de Deus. Deus sabia que Josué estava consciente da importante tarefa que o esperava e em diversas ocasiões exortou-o a ser «forte e corajoso» (Josué 1,6-9). Era, de facto, chegado o momento de realizar as promessas feitas muito antes a Abraão e de tomar posse da Terra Prometida (Canaã). Todavia, aquele território já estava ocupado por numerosos Estados independentes, cada um com a sua cidade fortificada e o seu soberano, que não iria ceder facilmente as suas terras.

2. A PALESTINA. CANANEUS E FILISTEUS

A Palestina era um território disputado pelos egípcios e pelos Hititas. Entretanto, a paz entre Ramsés II e os Hititas (1280 a.C.) pôs termo à influência egípcia na Palestina.

A população da Palestina era fundamentalmente constituída por Cananeus, um povo que se encontravam nesta desde o terceiro milénio a.C., e pelos Amorreus, que chegaram lá em meados do segundo milénio a.C.

Durante a conquista iniciada por Josué, não é frequente fazer distinção entre estes distintos grupos étnicos, porque os Amorreus foram gradualmente assimilados pelos Cananeus.

Com um misto de brilhante estratégia militar e de confiança em Deus, Josué conduziu Israel a reivindicar a sua herança.



Uma máscara de Baal descoberta em Haçor, que se julga remontar a cerca de 1300 a. C.

Grande parte da oposição a Israel, naquele período, provinha dos Cananeus. O nome, que significava «mercantes» e designava as pessoas que viviam ao longo da costa, acabou por definir coletivamente as populações que viviam entre o Mediterrâneo e o rio Jordão.

Culturalmente, estas cidades eram avançadas pelo facto de terem desenvolvido a escrita alfabetica, que nasceu na Fenícia, a partir do 3.º milénio. Todavia, não foi a sua cultura que se revelou uma ameaça para Israel, mas a sua religião. Os Cananeus professavam «religiões de fertilidade» em que os poderes da natureza eram personificados e adorados. Baal (= marido, senhor), filho de El (o deus supremo), era o deus da fertilidade e das condições meteorológicas, muitas vezes representado em pé sobre um touro (símbolo de força), tendo na mão uma flecha (símbolo do controlo dos agentes atmosféricos).

Adorar estes deuses, como Aserá (mulher de El) e Astoré (mulher de Baal), mediante a prostituição ritual, julgava-se que conferisse fertilidade à terra. Estes ritos, unida aos sacrifícios de crianças que alguns praticavam, explica por que razão a Bíblia nos diz que Deus ordenou que Israel eliminasse completamente os Cananeus da Terra.

Entretanto, entra em cena um outro povo, os Filisteus, que vieram do mar e habitavam a faixa costeira e que devido, ao vazio político de Canaã (falta de uma autoridade central) faziam incursões até às montanhas do interior. É com este povo, que Israel vai ter de se enfrentar e lutar. Os dados arqueológicos que

existem provam que houve, de facto, no século mil a.C., uma violenta invasão devastadora, e os capítulos 10 e 11 do livro de Josué atribuem a conquista da terra a duas expedições: uma de Gabaão (cap. 10) e outra das «água de Meron» (cap. 11). Todavia, como em quase todas as narrativas deste livro, temos, certamente, uma visão idealista e épica das vitórias de Israel, o que lhe é muito próprio.

O importante era exaltar o poder do Senhor. É Ele que combate por intermédio de Josué (Js 10,42). Os aspetos épicos estão ao serviço da fé e do ideal religioso. Josué aparece como um herói e pretende-se atribuir um conjunto de sucessos militares, obtidos, alguns, em épocas posteriores.

3. A INSTALAÇÃO EM CANAÃ. AS DOZE TRIBOS



A entrada e instalação em Canaã corresponde a uma nova fase do Povo de Israel: a passagem de uma vida semi-nómada (de «arameus errantes» como refere Dt 26,5) a uma vida sedentária.

Constitui-se uma federação de 12 tribos (unidade nacional) e há um nivelamento religioso (unidade de culto). Contudo, tanto a unidade nacional como a unidade de culto só serão efetivas no tempo da monarquia.

Uma vez conquistada a terra, Josué divide-a

entre as doze tribos. Ruben, Gad e metade da tribo de Manassés voltaram para as terras, a leste do Jordão, que já tinham pedido a Moisés (Nm 32,1-42).

Josué tirou à sorte para dividir a terra restante pelas outras tribos, e os capítulos 13-19 do livro dos Números descrevem, em pormenor, as fronteiras de cada território. Embora estes capítulos possam parecer monótonos, eram importantes para evitar mal-entendidos.

Entretanto, Josué morre (Js 24,29-31) com 110 anos e é sepultado na Terra Prometida... finalmente em casa... mas a Terra não estava completamente conquistada (Jz 1,1). Contudo havia muita desorganização (Jz 17,6; 21,25) e até rivalidade entre as várias tribos.

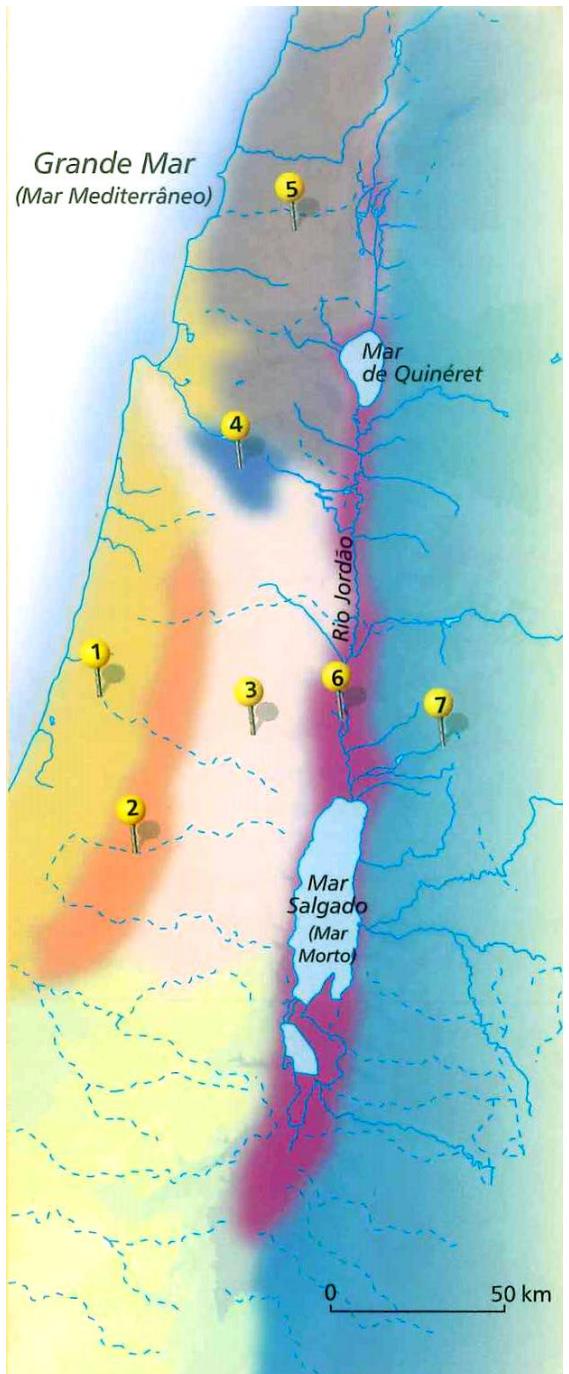
Nos primeiros livros da Bíblia, lemos que Deus descreve a Terra Prometida a Moisés como «uma terra onde correm leite e mel» para sintetizar as suas qualidades. O leite (um alimento base) indicava que Deus forneceria o necessário, enquanto o mel (um luxo) era um símbolo das suas abundantes bênçãos. Juntos, o leite e o mel, sublinhavam o empenho de Deus em prover às necessidades do seu povo na sua nova pátria.

4. A TERRA PROMETIDA. CARATERIZAÇÃO

4.1 Geografia

A terra de Israel era muito pequena, «De Dan a Bercheba» (uma forma israelita para dizer «de norte a sul») media menos de 240 km, e de este-oeste ia dos 40 km a norte aos 95 km a sul.

- 1. A planície costeira**, na extremidade meridional, não era de muita utilidade, sendo composta por dunas arenosas, florestas e pântanos, e era por isso que os Filisteus procuravam continuamente novos territórios. A parte setentrional, até ao monte Carmelo, uma das áreas mais férteis de Israel, era chamada planície de Sharon. Para lá do Carmelo, havia alguns



portos naturais, utilizados por navegadores fenícios para os seus comércios.

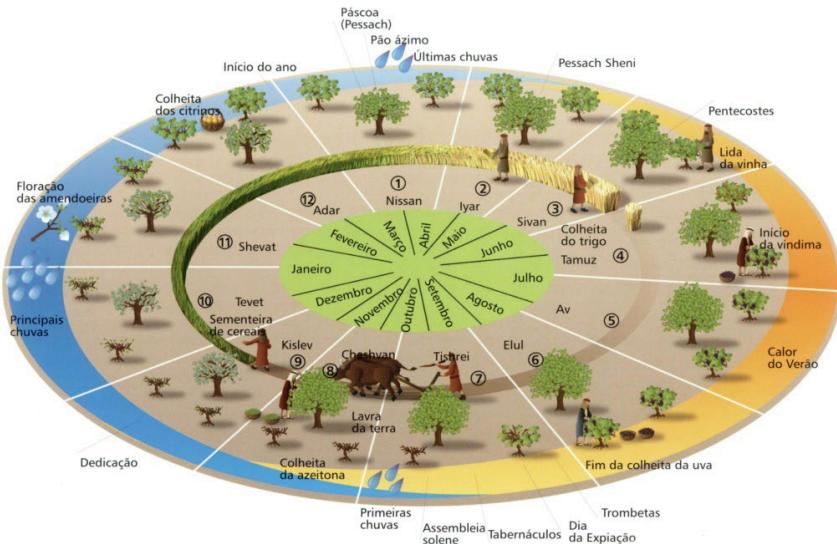
2. A Sefalá compreendia as colinas situadas no sopé das montanhas que, com uma extensão de 19-24 km, eram uma espécie de amortecedor entre a planície costeira e os planaltos centrais. Tratava-se de uma área extremamente fértil, frequentemente disputada entre os Israelitas e os Filisteus. Quatro vales percorriam-na como corredores, com cidades fortificadas como Gazer, Bet-Sames e Laquis, viabilizando as estradas.

3. Os planaltos centrais eram o coração de Israel, e berço de cidades como Jerusalém e Hebron. A parte ocidental descia suavemente em direção à costa, enquanto que o lado oriental descia a pique para o vale do Jordão. As rotas internacionais evitavam aquela área, deixando-a isolada e, portanto, protegida dos exércitos invasores.

- 4. A planície de Meguido** formava um descampado que se estendia de este-oeste por entre os planaltos centrais e as colinas da Galileia. Era atravessada pela principal via norte-sul do Egito à Mesopotâmia e era, por isso, estratégica quer para o comércio quer para as guerras. Foi palco de muitas batalhas e, segundo o Apocalipse, aí se desenrolará a batalha do fim dos tempos (Armagedão).
- 5. A Galileia** via os planaltos subirem em direção às montanhas do Líbano. As colinas mais baixas eram muito férteis e a área tornou-se próspera, também graças à passagem de mercadores internacionais. O seu mar interno, o lago de Genezaré (mar da Galileia ou lago de Tiberíades, na época do Novo Testamento) era muito rico em peixe. Foi aqui que Jesus passou grande parte da sua vida.
- 6. O vale do Jordão** estendia-se do lago de Genezaré, a norte, até ao Mar Morto, a sul. Formando parte da vala tectónica que é muito profunda, o Mar Morto é o ponto mais baixo da Terra, mais de 400 metros abaixo do nível do mar. A partir da nascente do Mar Morto, a norte, o rio desce 725 metros, dando origem ao seu nome (Jordão - « aquele que desce»). É tão sinuoso que cobre quase 325 quilómetros, duas vezes a sua distância em linha recta.
- 7. A Transjordânia**, a leste do vale do Jordão, uma área montanhosa, que subia dos 580 metros, a leste da Galileia, até aos 2000 metros, a sudeste do Mar Morto. Era, por isso, uma zona chuvosa que oferecia boas pastagens.

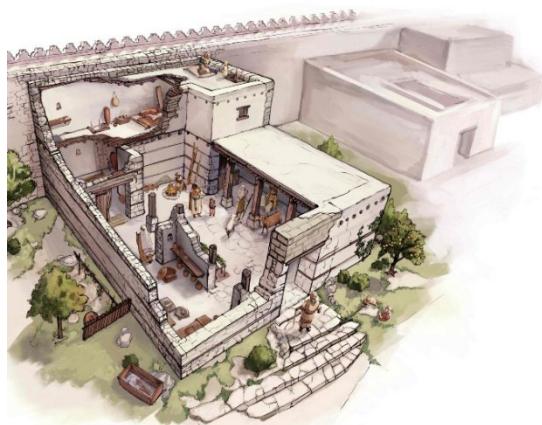
4.2 O ciclo de vida anual

O dia-a-dia da maioria das famílias estava centrada à volta da terra. Chegados a Canaã, a cada família foi destinada um lote de terra, que seria deixado em herança de geração em geração. O ciclo da vida anual, representado no gráfico, mudou pouco no decorrer das épocas bíblicas.



Todos os dias, além de cultivar os campos e cuidar dos animais, era preciso moer o trigo para fazer o pão, recolher a água dos poços, ordenhar e transformar o leite em queijo e iogurte, fiar, tingir e tecer a lã para fazer o vestuário.

4.3 As habitações israelitas



Quando os Israelitas se estabeleceram em Canaã, abandonaram as tendas e começaram a viver em casas de pedra. O modelo-base era constituído por um átrio retangular aberto com divisões em três dos lados.

O teto plano, constituía um terraço, ao qual se accedia através de uma escada de estacas ou degraus exteriores, tinha muitas utilizações, desde local de secagem do trigo a espaço para gozar a brisa da noite.

5. O TEMPO DOS JUÍZES

Depois da morte de Josué, Israel entrou rapidamente em declínio. Os Israelitas, atraídos pela forte sexualidade da religião cananeia, rapidamente esqueceram Deus e tudo aquilo que Ele tinha feito, tornando-se iguais às nações circundantes. Mas a Bíblia diz que Deus não se rendeu. Para lhes dar uma boa lição, permitiu que os vizinhos os atacassem, a fim de os obrigar a invocá-lo.

O livro dos Juízes narra como Deus, na sua bondade, constituiu chefes («juízes») para os salvar, mas o povo depressa voltava aos velhos hábitos. Este ciclo de desobediência, dificuldade e libertação, continuou durante mais de três séculos... dias escuros na história de Israel.

A palavra «juiz» vem do verbo «julgar» (shafath) e tem o significado de restabelecer uma situação comprometida; julgar é, portanto, operar uma libertação. Israel não podia ter reis (Jz 8,23). O rei de Israel era apenas Javé.

Os Juízes são, então, representantes do poder de Javé junto do seu povo, para o defender da invasão dos bárbaros. Surgiam quando estes os invadiam para roubar e destruir.

O Juiz é carismático e não institucional: surge quando é necessário e a vitória sobre o inimigo confirma a autenticidade do Juiz. O Juiz pode perder o carisma, mas Deus permanece fiel (caso de Sansão).

O Juiz é aquele que restabelece o povo ou uma tribo, quando a sua libertação éposta em perigo. Suscitado por Deus, o Juiz salva do opressor (2,16): é essencialmente um chefe (militar), um guerreiro, que tem a obrigação de repor a justiça. Por outro lado, tem também a missão de avivar a fé do povo e chamá-lo à fidelidade.

O tempo dos Juízes abrange o período compreendido entre a entrada na Terra Prometida e o tempo da monarquia (1200-1020 a.C.). A fazer fé nos dados fornecidos pelo livro dos Juízes teríamos um período de 410 anos, o que é manifestamente

exagerado. Esta época está fundamentalmente marcada pela falta de unidade nacional (entre as tribos) e escaramuças com os Cananeus e Filisteus, para além do perigo de contaminação com os deuses cananeus.

Entre os Juízes poderíamos destacar os mais conhecidos: Débora, Gedeão, Jefté, Sansão, Eli e Samuel. Débora é uma heroína carismática (uma espécie de Joana d'Arc). O seu cântico (Jz 5,2-31) leva-nos ao campo de batalha. Gedeão é um líder carismático: convidado para tomar a chefia, por ocasião da invasão dos Amonitas, mostrou relutância, fazendo valer os seus méritos, mas acabou por aceitar.



Os Juízes 9

Sansão

foi um homem nazireu, filho de Manoá, nascido de mãe estéril (Juízes 13:2) e que liderou os israelitas contra os filisteus. Ele era da tribo de Dâ e foi o décimo terceiro juiz de Israel, sucedendo a Abdon.

Distingua-se por ser portador de uma força sobre-humana que, segundo a Bíblia, era-lhe fornecida pelo Espírito Santo de Deus enquanto se mantivesse obediente.

De acordo com o texto bíblico, Sansão apaixonou-se por Dalila, uma mulher do povo filisteus, a qual o traiu entregando-o aos chefes da sua nação.

Inimigo
Filisteus

20 anos
Governou

TRIBO:
DAN

Arte: Marcus Noti

Sansão é também um herói carismático: defende o povo contra os Filisteus, mas aparece como um homem demasiado fraco para uma vocação divina, com um manifesto conflito entre carisma e eros.

Eli e Samuel vivem num tempo de decadência com a construção de muitos altares ao deus Baal. Samuel apresenta-se como um homem de fé em Deus, defensor inabalável da glória de Javé. É legislador, chefe, juiz, profeta e, na sua qualidade de profeta, apresenta a

Deus as pretensões do povo de querer um rei, embora sem as aprovar.

O livro dos Juízes é o livro da fé de Israel. Nele se fez a história das infidelidades e da conversão de Israel a Javé, segundo um esquema muito particular: o Povo peca, Deus castiga/o Povo arrepende-se, Deus perdoa.

A convicção de que a terra de Canaã é pertença de Javé e está prometida ao seu Povo, é, na verdade, muito antiga: pertencer a Javé equivalia a ter parte no país de Javé (Js 22,25). Ora isto implica que, se Deus é o verdadeiro dono da terra, seguiam-se daí consequências muito concretas na regulamentação da propriedade entre os homens. A frase «minha é a terra, vós sois forasteiros e criados» (Lv 25,23) pode considerar-se realmente o fundamento teológico do direito agrário israelita: para além da propriedade familiar hereditária, o antigo Israel conhecia uma propriedade comum, que devia sortear-se periodicamente; conhecia, portanto, a instituição duma possessão comunitária da terra.

O sorteio era um ato sagrado, pois, era uma profissão de fé no direito exclusivo de Javé sobre a Terra. A ideia de que Javé é o verdadeiro Senhor do país, não era uma simples doutrina teórica: fundava-se em conceções do direito sagrado, as quais exerciam uma influência muito concreta na vida quotidiana de Israel.